

DESCOSTURANDO AS MEMÓRIAS DE NAVA: PRÁTICAS VESTIMENTARES DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Unraveling the memories of Nava: vestiment practices of the early 20th century

Firmo, Francis da Silveira; Mestre; fsfirmo@gmail.com¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo a identificação, na obra do memorialista Pedro Nava, das práticas vestimentárias do período entre os anos de 1911 a 1930, inseridas em uma sociedade brasileira que vivia constantes transformações, de modo a contribuir para os estudos sobre a história social da moda e do vestuário do nosso país.

Palavras-chave: Pedro Nava; vestuário; história da moda.

Abstract

This article has as objective to identify, in the work of the memoirist Pedro Nava, vestiment practices of the period between the years of 1911 to 1930, inserted in a Brazilian society in transformation, in order to contribute to the studies of the social history of fashion and clothing industry of our country.

Keywords: Pedro Nava; clothing; fashion history

Introdução

Este artigo busca apresentar resultados preliminares de pesquisa realizada a partir da leitura de quatro dos seis volumes de memórias de Pedro Nava, a saber: *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar* e *Galo das Trevas*. Neste primeiro momento será realizado o estudo dessas fontes primárias para que sejam identificadas as formas vestimentárias masculinas nelas presentes, incluindo os acessórios e pilosidades faciais. Em outra ocasião haverá o enfoque do vestuário feminino, além de outros desdobramentos a partir da sua identificação. A narrativa do vestuário nos textos de Pedro Nava contempla detalhes, como cores e tecidos. Oriundo de classe média, o olhar do memorialista abrange as diversas camadas que compõem a sociedade. Nas obras citadas há descrições do vestuário dos mineiros de Juiz de Fora e de

¹ Formada em Design de Moda pela UFMG, Mestre em Teoria da Literatura pela mesma universidade, tem realizado trabalhos de pesquisa e palestras voltadas à História da Moda, Modelagem e Design.

Belo Horizonte, como também dos habitantes do Rio de Janeiro no período de 1911 a 1930. Para uma abordagem interdisciplinar, além das fontes mencionadas fez-se necessário, neste estudo preliminar, recorrer à bibliografia da área da história - da moda, história social e política -, assim como da literatura e memória. Entendemos que a identificação dessas práticas vestimentárias é um elemento importante a ser somado a outras fontes de estudo para a história da moda e do vestuário brasileiro.

Desalinhando as memórias de Nava

Antes de tratar das práticas vestimentares, é necessário apresentar o autor das obras nas quais este artigo se fundamenta.

Pedro Nava nasceu em Juiz de Fora em 1903, cidade em que residiu até o ano de 1908, quando sua família se transferiu para o Rio de Janeiro. Devido a morte de seu pai, retornou à sua cidade natal para viver em casa da avó materna. Com a sua morte a família se mudou em 1913 para Belo Horizonte, onde foi aluno interno do *Colégio Anglo-Mineiro*. Em 1916 estudou no *Colégio D. Pedro II*, tradicional educandário carioca, onde concluiu o ensino secundário. De volta a Belo Horizonte em 1921 tornou-se aluno do curso de Medicina e funcionário público. Trabalhou como médico em Minas, no interior de São Paulo e no Rio de Janeiro, cidade que residiu de 1933 até a sua morte em 1984. Além do exercício profissional da Medicina e como professor da academia, publicou livros e diversos artigos em revistas científicas de sua área. Também atuou como escritor e ilustrador e integrou o movimento modernista mineiro.

Em 1972 publicou o primeiro volume de suas memórias, *Baú de Ossos*, em que apresentou sua genealogia e as recordações dos primeiros anos de vida passados com seus pais. Em 1973 publicou *Balão Cativo*, narrativa de infância e adolescência, entre Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, junto à família e nos internatos. *Chão de Ferro*, de 1976, aborda o período da Belle Époque carioca, sua vida e seus deslocamentos entre o Rio de Janeiro (onde estudava como aluno interno) e Minas Gerais, onde passava as férias com os familiares e onde cursou Medicina. Sua vida de funcionário público que custeava os estudos universitários e a de médico residente está narrada em

Beira-Mar, de 1978. Três anos depois publicou o *Galo das Trevas*, com suas experiências de médico no contexto da Revolução de 1930. As memórias seguem com o volume *Círio Perfeito*, de 1983, dedicado às décadas de 1930 a 1940.

Este artigo contempla as práticas vestimentares masculinas registradas por Pedro Nava, no período de 1911 a 1930, por parte de integrantes das sociedades mineiras e carioca.

Ele foi um espectador privilegiado dos diversos acontecimentos do século XX. Travou contato com diversas pessoas de relevância na historiografia nacional, entre escritores, políticos, médicos, artistas. Apesar de ter nascido em uma família de boa situação financeira, os Nava tiveram perda significativa no seu padrão de vida com a morte do seu pai. Vivendo em casa de parentes, contando com a ajuda destes, sua mãe se viu impelida a trabalhar fora de casa para obter sua independência financeira e sustentar os filhos. O memorialista narra de modo magistral como a burguesia do século XX e a do século anterior viviam, traçando um panorama dos hábitos e costumes da época. A transição da monarquia para a república é por ele tratada com sutileza e detalhes. A sociedade brasileira da época, voltada às influências externas, é rememorada em textos em que estão presentes as cores, sabores, as minúcias insuspeitas, a partir de ‘madeleines’ naveanas.

Se as mudanças provocadas pela Revolução Industrial se faziam sentir no final do século XIX, a partir da Proclamação da República, ocorrida em 1889, “grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitaram-se com a mudança do regime político”². Com a República, sentiu-se necessidade de apagar todas as marcas da Monarquia, associada ao atraso econômico e cultural: um projeto político de modernização do país, de inspiração europeia, rapidamente foi posto em marcha, em práticas urbanísticas de clara influência europeia.

Esse era o contexto do período em que houve a decisão de transferir a capital do Estado de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, cidade que se inspirou, como o Rio de Janeiro, no modelo haussmaniano para a construção de espaços urbanos. Juiz de Fora, conhecida desde o final do

² CARVALHO, 1999, p. 15

século XIX como a *Manchester mineira* pela destacada atuação da indústria na região, que consigo trouxe prosperidade e um alto grau de desenvolvimento econômico e social à cidade, por sua vez, se havia espelhado em diversas potências europeias, entre elas a britânica. Devido a sua proximidade, adotava hábitos da capital do país, ao mesmo tempo em que conservava valores da “mineiridade” de Belo Horizonte e do interior de Minas. Pedro Nava circulava entre essas três cidades, convivendo com pessoas de ambos os sexos e de diferentes idades.

Se houve transformação tecnológica ela também foi sentida no aspecto social. No tocante à história do vestuário, com o advento da Revolução Industrial, as roupas passaram a ser produzidas em larga escala, possibilitando que determinadas classes sociais adquirissem vestimentas a preços mais baratos que aqueles feitos sob medida. Ocorre que, nem todas tinham acesso a essas peças e seguiam confeccionando suas roupas em casa.

No século XX pela análise do vestuário ainda era possível identificar a que classe social o seu usuário pertencia, da mesma forma que era perceptível visualizar o seu desejo ou não de ascensão ou de aceitação social. Portanto, era necessário ter habilidade e criatividade para que uma pessoa estivesse bem vestida, apesar do material ou da qualidade das suas roupas.

A família de Pedro Nava lançava mão da inventividade para remodelar peças de tamanhos maiores em menores como também para ‘transformar’ o aspecto de tecidos – dar aos rústicos a aparência de tecido superior. Porém, esse fazer doméstico, denominado por Nava de *homemade*, tinha o seu custo social. Quando em 1913, menino de 10 anos, foi estudar no *Colégio Anglo-Mineiro* – educandário voltado para a elite mineira –, que exigia de seus alunos internos uma extensa lista para o enxoval, sua mãe buscou atender aos itens solicitados, dentro de suas posses.

Os *americanos* para os lençóis. (...) Quando tudo chegou em casa, minha Mãe, auxiliada pela Marianinha e pela Cota Miranda, pôs logo mãos à obra. Os americanos foram alvejados dentro de bacias de zinco, equilibradas alto, sobre pedregulhos, para poder acender fogo debaixo delas. Veio sabão preto da indústria doméstica do tio Júlio; de sua chácara, os apanhados de folha de mamão. Um jacá de bosta de boi, (...) Ferviam-se os panos longamente, pondo mais água, um dia, dois dias, três dias. Primeiro com folha, sabão e bosta. Depois, sem bosta, finalmente, sem sabão, só no infuso de mamoeiro. Enxaguação. A cor amarela do tecido ordinário era róida, digerida,

desbotada e, quando ele secava no varal, reluzia ao sol, branco como linho, macio como crepe-da-china. Ficaram lindos, os lençóis; mais as colchas (...) Mas eu acompanhava apreensivo outros detalhes da costura. Tive dois ternos de cerimônia, recortados em roupas de meu Pai. Cinza e azul-marinho. Eram casimiras inglesas de primeira, mas seu aproveitamento resultou de segunda. Receita da Cota Miranda para aproveitar fato de adulto, fazendo vestimenta de menino — paletó à *caçadora*. Tinha de haver emenda nesta peça, era do molde. Só que era baixa e, para ser encoberta pelo cinto, este descia, ficava inferior à cintura e todo mundo via logo que aquilo era coisa *homemade*. Não ficava mal, mas estava longe da elegância dos completos, também à *caçadora*, do Fábio Marques. Aquela roupa e os lençóis de *americano* iam me desclassificar dentro da hierarquia colegial. (NAVA, 1973, p. 122-123)

A exigência social de uma boa apresentação era tal que, até mesmo as crianças já discriminavam o usuário que não obedecia a etiqueta do vestir da época, ou que portavam peças mal talhadas. No caso de Nava, o vestuário levou-o a um afastamento das atividades esportivas, uma vez que os seus “calções de futebol que não passavam de calças velhas encurtadas” e

mereceram tal reprovação do Álvaro Sales, do Gérson Coelho, do Camilo, do Dinho, do Guy Jacob e do Zé Megali, que, aos poucos, fui me afastando das partidas e de minha posição de *goal-keeper*. *Evém* o Saracura, olha o calção do Saracura! Eu evaporava lágrimas de raiva na cara fervendo e passei a não ir mudar a roupa na hora dos *matches*. Disfarçava. Remanchava. Escapulia. (NAVA, 1973, p. 123)

Com o uniforme diário, pôde lançar mão de estratégias para disfarçar:

E o pior, um dos meus uniformes do diário. O enxoval previa três. Dois eram anônimos e perfeitos. Um, cáqui-esverdeado, outro, cáqui (...) O diabo era o terceiro, azulão, dum zuarte evidente que veio ofender tudo que de aristocrático havia dentro de mim. Aquele trem infame parecia ter relentos de orfanato e graxas de oficina. Uma em cada três semanas chegava sua vez, com as assuadas dos outros, os apelidos alusivos. Eu contornava o vexame, dando parte do frio, fizesse o dito ou abrasasse o calor. Ficava o dia inteiro de capote. Esse me reabilitava porque era elegante, resto ainda dos malões de Paris. Mas foi ficando curto e, no fim do ano, tive de deixar esse tapume. (NAVA, 1973, p. 123)

Desde criança ele estava ciente que sua mãe não tinha como arcar com os custos de uma boa roupa. Em 1916, no Rio de Janeiro, então capital do País, ganhou um presente que o fez orgulhoso:

Antes tínhamos ido à Casa Colombo (a das roupas feitas) (...), onde eu tinha passado por uma transformação. Lá tio Salles me comprara tudo novo, da palheta à camisa, da gravata aos sapatos, um terno cinza como eu jamais pensara poder vestir (...) (NAVA, 1973, p. 254).

De volta a Belo Horizonte, nos anos de 1920, o estudante de medicina necessitou de um emprego para poder custear o seus estudos. Como era

integrante da linha de Tiro da Faculdade e o uniforme militar era muito bem talhado, pensou que com ele conseguiria ter uma boa apresentação.

Eliminado! Por quê? Santo Nome de Deus... Ousei perguntar ao sargento. Ele respondeu que eu não escapara, na véspera, à sua visita, (...) Aquilo não era maneira dum soldado apresentar-se. E veja lá! O senhor não pode mais usar a farda que desmoralizou portando com ela objeto de vestuário civil. (...). O diabo agora era não poder usar a farda... Tinha de arcar com as despesas dum terno. (NAVA,2001, p. 352)

Ou seja, cada peça do vestuário deveria ser usada no seu momento adequado. Mesmo fardado ao buscar ajuda de um militar para conseguir uma ocupação, havia sido negado pelo fato de utilizar a vestimenta inapropriada à ocasião. Sabia que no caso de um emprego, a primeira impressão era fundamental: o terno deveria ser muito bem talhado. Desconhecera a etiqueta do vestuário civil.

Comecei então a correr os alfaiates para achar um à altura de minha bolsa. Logo afastei o Alfredo Coscarelli (...), seu mano Batista (...) — caríssimos. Também inacessíveis o Aquino, especialista nos *jaquetões-a-Georges Walsh*, e a *Casa Gagliardi*. O Andrade, impossível. Fui ao *Parc-Royal* que acabara de terminar seu novo edifício de Bahia, 894. (...). Terminei ancorando no excelente seu Inneco (...) Contratei o terno. Era cor de Havana e fazia um lindo efeito. Ficava por noventa. Dei sessentão de entrada e o resto seria a prestações de dez por mês. Pois fiquei com o velho e simpático José Inneco enquanto estive em Belo Horizonte. (NAVA, 2001, p. 352)

Nava sempre teve um olhar especial para as roupas e modos elegantes. Quando criança percebia o alinhamento de seus parentes de Juiz de Fora, que seguiam a última moda europeia:

Os Palettas diferiam de todos nós pelos trajes e pelos hábitos. Longe de se atifarem de modo fantasista e *homemade* como tia Iaiá e tia Dedeta – tia Berta e as filhas só se vestiam da madame Marie, no rio, ou dos malões de Paris. Dobravam de apuro no sítio, onde passavam o dia enchapeladas umas para as outras e iam ao estábulo esterilizado e ao jardim asséptico, arvorando sombrinhas farfalhantes como as barras das saias que varriam solos sem micróbios. Contemplo retrato que possuo da gente Paletta (..) e tenho impressão de estar vendo as ilustrações dos contos de Mauspasant (...).(NAVA, 1973, p. 37)

Nas suas memórias são muitas as referências a peças e acessórios masculinos. Os chapéus – coco, palheta, de pelúcia, chapéu-do-chile, “sombbrero cinzento”, “chapéu cinza achatado de lado”, chapéu de lebre,

chapéu peludo ³–, são usados pelos homens durante todo o período da narrativa. A cartola está presente ao fazer referência a pessoas do século XIX – “meia cartola” – ou aos homens mais formais de modos pomposos. Normalmente é acompanhada pelo fraque ou pela sobrecasaca.

É interessante notar as práticas vestimentares em um evento formal como o de um enterro. Quando do falecimento do Presidente do Estado de Minas, Raul Soares, em 1924, o uso de peças de vestuário e acessórios austeros são detectados: “Belo Horizonte inteira saiu de casa para ver o funeral. (...) Havia cartolas, claquês, *cronstads*, cocos e lebres; sobrecasacas, fraques e jaquetões.” (NAVA, 1985, p. 206).

Outro momento formal é o de um casamento. A vestimenta do noivo, sempre apurada, é apresentada em duas ocasiões: a primeira durante um jantar de noivado nos idos de 1908, em que o memorialista apresenta

O Nelo – o noivo – que chegara de fraque, plastrão e camélia branca no peito. Nas suas águas tinha vindo o Cícero (...). Estava impecável, cabelo aberto ao meio e colado à cabeça, como os dos retratos do Max Linder. Terno cinzento, sapatos de verniz cujos ilhoses eram atravessados por largas fitas de seda. Ao entrar, tirara o vasto chapéu de palha e desapertara de um dos botões do paletó o cordão que vinha da copa do cujo. Usava-se assim, para o *XPTO London* não ser carregado pelos grandes ventos. (NAVA, 1973, p 76)

Na segunda, durante uma boda, em casa da noiva, em 1911, em que descreve

um Heitor Modesto de Almeida na sua glória nupcial. Vinha soberbo. De sobrecasaca entreaberta sobre colete branco de seda lavrada; calças cinzentas bufantes sobre botinas de verniz com cano de pelica preta. Luvas de pelica branca. Gravata clara. Pérola. Pastinha caída na testa, num desalinho estudado. As guias dos bigodes escorrendo de brilhantina. Embalsamado em lavanda. (NAVA, 1973, p. 64)

Nos dois fragmentos é interessante observar como Nava é meticuloso, relatando os diversos elementos do vestuário, como as fitas dos sapatos, em um vestuário masculino, inspirado na moda inglesa, usado em uma cidade do interior mineiro.

Os ternos – negros, marrons, cinzento, bege, cáqui, de gabardine, de brim, de calça curtas para os meninos -, os fraques – usados inclusive para os professores que davam aula na faculdade -, os colarinhos – de ponta, alto, em

³ Há apenas duas referências a chapéus de cow-boy. Uma delas com um professor do Colégio Anglo-Mineiro (1913) e outra com o segurança do bordel (anos de 1920).

pé, “engomados de linho azul”⁴ grandes, vastos, duros, “colarinhos imensos e esmaltados”⁵, “colarinhos de louça”⁶, postiços, de pontas viradas –, as gravatas – brancas, pretas, claras, róseas; de fustão, de seda ou malha; borboletas ou longas, escocesas, suntuosas, salientes –, o uso do plastron e do cachênê, do colete, das polainas, entre outros elementos, são encontrados em relatos minuciosos de como estavam trajados os homens de seu tempo. Alguns momentos mostram o uso de alguns acessórios de modo inusitado:

O traje do tênis era camisa clara, calça de flanela creme, meias e sapatos brancos, de borracha. Elegantíssimo, entre os professores, era não usar cinto e apertar o cós com uma gravata de seda passada nas alças — gravata com as cores do *college* que tinham frequentado (...) (NAVA, 1973, p. 134)

É interessante notar que a moda, mesmo a masculina, era motivo de comentário durante as festas, nas rodas de conversa:

Comentava-se os exageros da ponta das botinas agulha, da calça colante, da parábola das gravatas e dos paletós ultracintados dos *almofadinhas* e dos *amarradinhos*. Seus cabelos laqueados, os chapéus tão enterrados quanto os das *melindrosas* – estas de cintura cada vez mais alta e saia progressivamente mais curta. Sempre, dos primeiros, a vagabundagem, a vida bordelenga... (NAVA, 2001, p. 84)

A mudança dos costumes sempre gerou instabilidade, já que possibilita o julgamento pela adoção de novos modos e novas modas a partir de seu próprio referencial.

Sobre os calçados também há muitas citações. Ali estão as botas “de verniz recobertas por polainas de linho imaculado” de Olavo Bilac⁷, as botinas – “de cano de elástico, bico fino, solas varinas, negras como um corvo”⁸ consideradas vetustas no princípio do século passado: as que eram usadas eram as “de biqueira e guarnição de verniz preto, canos de pelica amarela.”⁹, ou de verniz com cano de pelica ou com pano, ou de pelica do mesmo tom do verniz, ou mesmo de pano para os pés ultra-sensíveis. Nava observar que entre os governantes de Minas

Jamais a audácia dum sapato. Só botas de verniz com cano de pelica ou de pano cinza-escuro. Às vezes o aconchego dumas polainas também neutras. Calçados usados mas bem tratados e sempre

⁴ NAVA, 1973, p 162

⁵ Ibidem, p 213

⁶ Ibidem, p. 280

⁷ Ibidem, p. 259.

⁸ Ibidem, p. 256.

⁹ Ibidem, p. 282

reluzentes. Às vezes cortados transversalmente pela linha das cabecinhas douradas dos pregos da meia-sola. (NAVA, 2001, p. 316)

Para os que sofriam de vista, o *pince-nez*, com ou sem trancelim – de ouro, de fita preta – com ou sem aro, substituído por alguns míopes pelos óculos de aro grosso.

Nos textos, ainda sobre os modos masculinos da época, encontra-se uma infinidade de detalhes relacionados à pilosidade capilar: há suíças, cavanhaques comuns, barbas abertas ao meio, bigodes e barbichas *à la royale*, as barbichas em bico, um conjunto de costeletas e bigodes. Estes podem ser encerados, enroscados, de escova, arrepiados, retorcidos, etc. Percebe-se que a medida que os anos 20 avançam, menos barba: a pele do rosto ressurgem em homens bem escanhoados.

Um exemplo de descrição masculina detalhada é a que ele faz nos anos 20, de um jovem rapaz, morador de uma pensão de estudantes, um verdadeiro dândi

Bela cabeleira leonina, castanha, ondedada, descendo sobre as orelhas, atirada para trás, excedendo a nuca, cobrindo colarinho e gola do paletó. Era cabelereira como usam os moços de hoje mas, àquela época, figurava moda a Byron ou a Brumel. Além de descer no pescoço ela prolongava-se dos dois lados do rosto por costeletas das mais bem fornidas. (...) Era vaidoso das mãos que tinha delicadas e terminadas por unhas pontudas, sempre muito bem tratadas. (...) Agora um pouco sobre suas roupas. Invariável chapéu de lebre ou peludo, batido para à direita. Colarinhos em pé, dos ditos de *bunda virada*. Gravatas decorosas, de preferência os *plastrons*. Jaquetão, colete debruado de branco e calças sempre vincadas. Cores discretas: verdoengo, cinza, azul, *tête-de-nègre*. Botinas de verniz cano de pelica clara ou recoberto de polainas cinzentas. Em suma: um *dandy* ou para usar termo da época, um *almofadinha*. Dentro das dobras do lenço de seda do bolsinho do paletó portava sempre a navalha e na cava do colete uma longa *lambedeira* nordestina. (NAVA, 1985, p. 87/88)

Se de um lado há a de um *almofadinha*, ele não deixaria de abordar o vestir elegante e discreto de Abgar Renault:

... barba cerrada e sempre cuidadosamente escanhoadada. Era muito tratado e elegante, sempre metido em ternos impecáveis. Digo bem *ternos* porque nunca estava sem o colete altíssimo abotoado até quase abaixo do colarinho. Estes também subiam muito e suas pontas eram presas pelo alfinete transversal que ficava sob o laço da gravata parabólica e saliente. Paletós da época, cintados, longos, dum botão só, mangas espremidas sobre os punhos apertadíssimos que desciam até abaixo do pulso cobrindo um pouco o princípio das mãos. Calça de boca estreita que terminava exatamente na altura do cano da botina *de* dois materiais. O verniz e o cano de camurça,

pelica ou gabardine. Em resumo silhueta magra e uma elegância seca. (NAVA, 1985, p., 212)

São referências como as apresentadas que merecem um posterior estudo aprofundado e se possível, cotejado à imagens da época.

Considerações finais

Pelo exposto buscamos dar uma rápida ideia de como a narrativa de Pedro Nava apresenta muitas informações detalhadas das práticas vestimentares de sua época. É nosso desejo, em estudos subsequentes, cotejá-las com imagens (fotografias, desenhos, filmes) e/ou periódicos da época de modo a poder traçar com fundamento o vestuário do período citado, abordando também o vestuário feminino. Ele deve ser inserido dentro do contexto de sua época, observando as especificidades das cidades que se encontram contempladas no texto. Segundo nosso ponto de vista este estudo pode contribuir para a reconstrução dos modos de vestir do brasileiro do início do século passado.

Referências

- BOUCHER, François. *História do vestuário no ocidente*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BRAGA, João; PRADO, Luis André do. *História da moda no Brasil: das influências às autorreferências*. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- NACIF, Maria Cristina Volpi. *O vestuário como princípio de leitura do mundo*. Rio Grande do Sul: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007. Disponível em <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Maria%20Cristina%20V%20Nacif.pdf>>. Acesso em 27 out 2012
- NAVA, Pedro. *Balão Cativo: memórias /2*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- NAVA, Pedro. *Beira-Mar: memórias /4*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- NAVA, Pedro. *Chão de ferro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- NAVA, Pedro. *Galo-das-Trevas: memórias /5*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- PINHEIRO, Eloísa Petti. *A “haussmannização” e sua difusão como modelo urbano no Brasil*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, ANPUR, v. 5. n. 3, maio 1998.